

CATHEDRAL DE VIZEU.

VIZEU.

4.º

No DOMÍNIO dos reis suevos, que reinaram em Portugal e Galiza desde o principio do seculo 5.º até quasi o fim do 6.º, já Vizeu era cidade episcopal; porquanto nos codices de Braga, que trasladou o P.º Argote, encontram-se uns fragmentos do concilio de Lugo de 595 sobre as divisões dos bispados, e os nomes das igrejas, que lhes pertenciam dentro do territorio portuguez, e collige-se, que na primeira divisão, em tempo de Theodomiro, Vizeu tinha seu bispo, suffraganeo da cadeira metropolitana de Braga. Este bispado comprehende 203 parochias. Damos em estampa a fachada da sua actual sé; mas parece que tivera seu primeiro assento na igreja de S. Miguel do Fetal, como dissemos no fim do artigo primeiro. Tambem é tradição que o conde D. Henrique e sua mulher D. Tareja lançaram os fundamentos á sé moderna no sitio em que se vê hoje collocada. Consta pelo livro antigo dos obitos que o bispo D. João pelos annos de 1341 dera principio a uma crasta ou claustro da parte do poente. Sabe-se quem levantou a magnifica obra da abobada e côro do templo pelo que se lê na seguinte inscripção esculpida em lapide. — « *Esta See mandou abobedar o muito manífico senhor, o senhor D. Diogo Ortiz, bispo desta cidade, e do conselho dos reis, e se acabou en era do senhor de 1513.* » — Pouco depois em 1534, outro prelado, D. Miguel da Silva, fez edificar o claustro, que existe, no gosto da architectura dorica, coroado de uma vistosa varanda; está no assento de umas casas, que dizem ter servido de residencia por vezes aos reis de Leão, bem como as habitou com frequencia o progenitor do nosso prí-

meiro monarcha. É constante que a sala capitular, mandada construir em 1721 pelo cabido á custa das rendas do bispado em sé vacante, fôra a morada de S. Theotónio, quando com o titulo de prior governou a sé de Vizeu: tambem com o provento das mesmas rendas foi feito em 1738 o bello passeio, conhecido pelo nome de *ameias*.

Na sé de Vizeu se admiram formosos quadros do nosso eximio pintor, o grão Vasco, que muitos affirmam ser natural desta cidade. Não sendo preciso exaggerações para credito de tão celebre artista, meramente os designaremos: e são os seguintes. — Dois de grandes dimensões, representando um o Pentecostes, ou vinda do Espirito Santo, outro S. Pedro em vestes pontificaes, anachronismo semelhante a muitos deste mestre, que trajava as figuras á moda do seu tempo. — Um quadro pequeno de S. Jeronimo em meio corpo: outro, de igual tamanho, de St.º André e outro apostolo. Estão collocados na sacristia, onde se notam mais pinturas, sim de primor, mas que alguns duvidam attribuir a Vasco, e conjecturam que são obras de seus discipulos. No altar denominado *da porta do sol* ha do mesmo insigne pincel um vasto quadro da paixão de Christo no calvario; e na sala do cabido 14 paineis de 6 palmos d'altura e 3 de largura, sete dos quaes representam a historia do Redemptor desde o mysterio da Annunciação até a fuga para o Egypto, e outros sete mostram factos desde a Cêa até o Pentecostes.

O TUMULO DE UM PORTUGUEZ NA ILHA DE CHYPRE.

QUEM ha ahí, por menos lido que seja em poesia e

fabula, que não conheça Chypre e a sua bella deusa? Paphos e Amathunta são nomes familiares aos que menos conhecem a poesia antiga. Perguntai-lhe agora pela sua historia, e até pelo seu estado presente; e apenas vos saberão responder ainda poucos dos que cultivam as letras. Todavia não lhe tem faltado revoluções e mudanças de estado. Possuida pelos phenicios, depois pelos gregos, esteve dividida em nove reinos e tributaria dos persas. Foi sujeita ao imperio dos Ptolomeus; e senhoreada successivamente pelos romanos, pelos arabes, e pelos imperadores de Constantinopola. Quando Ricardo, Coração-de-Leão, ia acudir á Palestina, o máu trato feito a alguns dos seus, que naufragaram nas costas de Chypre, lhe serviu de pretexto para a conquistar, e com singular generosidade a deu a Guido de Lusignan, que acabava de perder o reino de Jerusalem, que o famoso Saladino lhe soubera tomar. Desde 1191 até 1489 constituiu um reino independente sob a monarchia da illustre casa dos Lusignans. Revoluções de um governo caduco a passaram então ao senhorio de Veneza, até que os turcos lh'a conquistaram em 1570, e em seu poder permanece ainda hoje.

Tem sido Chypre celebrada pelas suas bellezas naturaes: picturesque nas vistas, amenizada nos logares. Mas se estas qualidades teem sido exaggeradas, pois que é sujeita a frequentes alternativas de temperatura, nem por isso é menos rica nas mais preciosas produções da natureza. Acham-se espontaneos os jacinthos, os rainunculos, as anemones, e os narcisos; mas, o que mais importa, é que ainda hoje produz, alem de outros muitos fructos, excellente algodão, seda, azeite, e vinho muito estimado. Dizem-nos os antigos que teve grande população com muitas cidades florescentes: póde ser; porque tem proporções para isso: hoje porem sob a dominação do Turco não chega a contar cem mil habitantes. Tambem já produziu assucar, e perdeu esta industria (1).

A esta ilha pois chegava nos principios do anno de 1564 um frade franciscano portuguez. Que ia este homem lá fazer? Veneza, que senhoreia Chypre, olha-a como uma colonia, só importante pelo que lhe rende: governa-a com o titulo de Podestado um cavalleiro mais attento aos interesses do commercio, que a tudo mais; — o navio que o levou á baixa e arenosa costa de Chypre já começa de descarregar fardos de fazenda. Mas não; este homem não vai alli pelos lucros da terra; outros fins o levam lá. É

(1) Não parecerá improprio accrescentarmos aqui mais algumas noticias sobre esta ilha tão famosa.

A ilha de Chypre está situada no golpho formado pelas costas da Anatolia e da Syria. A sua maior extensão, de leste a oeste, é de umas 48 leguas, e a sua largura média, de norte a sul, é de 15 a 20. É uma das maiores e mais fertéis ilhas do Mediterraneo. O seu clima é agradável; mas tem falta de aguas. Colhe abundantes fructos de toda a qualidade, excellente algodão, tabaco, linho, granza, limões, laranjas, figos, azeite, &c. A colheita do algodão é importante, e chega de oito a dez mil volumes. São mui celebres os seus vinhos brancos e tintos. As mallas do interior dão madeiras de construcção; e as planicies são cobertas de numerosos rebanhos de carneiros de lã finissima, cuja exportação vale uma somma importante. Floresce a creação da seda; e exporta annualmente alguns trezentos volumes de seda, de que passam a Marselha uns cento e cincoenta, que rapidamente se vendem por maior preço que outra qualquer. Havia nas suas montanhas cobre em abundancia, ouro, prata e esmeraldas: actualmte porem só se extrahе cobre, jaspe encarnado, cristal de rocha e amianto.

Nicocia, a capital, terá 12:000 almas, mas fica no interior: os portos mais frequentados são Larnica na costa de SE. e Limasol na de SO.

Fr. Pantaleão de Aveiro, que tendo nascido na villa, hoje cidade, de que houve o nome, tomara o habito de S. Francisco na provincia dos Algarves. Tendo corrido diversas cidades da Italia, estivera tambem em Trento, onde então se achavam congregados os padres do ultimo concilio ecumenico, e tendo em Roma tomado a benção do santo padre Pio 4.^o, ia ver e correr a Terra-Santa; mercê que se fez digno de obter de seus superiores, pela rigida observancia dos seus deveres. Por falta de navegação directa para os portos da Palestina, e pelo temor do Turco, fôra em uma náu veneziana para esta possessão da republica, para depois mais facilmente se passar aos logares dos seus desejos. Deus ajude o bom frade, que vai cheio de fé viva ver os logares em que se operou a nossa redempção. Deus te guie, homem de Deus, que são pias e sinceras as tuas intenções: vai ver com fé e humildade os logares santos; e um dia tens de deixar-nos em precioso legado a narração verdadeira do que viste e ouviste. Algum dia ainda por ventura acompanharemos este santo homem: mas já que hoje as circumstancias o demoram em Chypre, aqui ficaremos tambem com elle.

É Nicocia a mais bella cidade de Chypre; e posto que desviada do mar, é naturalmente rica pelas produções do seu territorio. Foi a capital da ilha na monarchia dos Lusignans; foi-o durante o senhorio de Veneza; é-o ainda agora sob o governo dos turcos: e posto que seja hoje pela maior parte habitada de mossolemanos, era-o ainda no meio do decimo-sexto seculo só por christãos, em grande parte do rito latino. Tinha diversos conventos, e entre elles um de franciscanos: boa nova para Fr. Pantaleão, que esperando occasião opportuna para passar á Palestina, vai tambem ver a capital da ilha.

Do gosto que sente quem encontra gente visinha em terra estranha, já Camões disse

Que alegria não póde ser tamanha:

pois semelhante foi o sentimento de F. Pantaleão, quando na igreja de S. Francisco em Nicocia, onde, longe da patria, nada lhe fallava della e dos seus, viu um sumptuoso e magnifico sepulchro de pedra, em que, ainda que sem epitaphio, se viam insculpidas as armas reaes de Portugal: mostraram-lhe tambem os padres do convento um panno de pulpito, e outros igualmente do serviço da igreja, em que tambem havia lavrado semelhante escudo. Figuramo-nos agora bem no decimo-sexto seculo; supponhamo-nos como Fr. Pantaleão, verdadeiro peregrino da fé, caminhando para a Terra-Santa, dominada pelo terrivel poder do Soldão, a cujo nome tremia toda a christandade, e só assim poderemos perceber os seus sentimentos ao encontrar, quando menos o pensava, as armas, que em occasião de victoria contra infieis o proprio Deus outorgára a Portugal, e ao deparar com o descendente do primeiro que do Occidente foi ás terras d'África quebrar o collo ao orgulho do Alcorão.

Se porem agora quereis saber quem era o que longe da patria jazia em terra tão remota, deixemos o peregrino, e vamos volver paginas de nossa historia, que acharemos manchadas de sangue.

Pela morte d'elrei D. Duarte, que deixava o seu successor em mui tenra infancia, achou-se em seu testamento confiada a regencia do reino á rainha sua viuva. Havia porem então em Portugal um homem, como poucos vêem os seculos. Era este o infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho d'elrei D. João 1.^o, e irmão d'elrei D. Duarte. Educado como seus irmãos em todas as boas artes, honrara o valor portuguez na tomada de Ceuta, e tão desejoso de ver mundo, como seu irmão D. Henrique de o

descobrir, foi o maior viajante portuguez daquelles tempos: visitou os logares sagrados de Jerusalem; esteve nas côrtes do Grão-Turco e do Soldão de Babilonia, e d'um e outro recebeu excessivas honras: tratou em Roma com o supremo pastor Martinho 5.^o e tratou tambem com todos os principes de Italia. Correu Allemanha, Hungria e Dacia, e ajudou o imperador Sigismundo nas guerras contra o Turco; e em premio do seu valor e destreza militar teve a doação da Marca Trevisana, com o novo titulo de marquez de Treviso. Deu volta por Inglaterra, onde reinava seu tio Henrique 4.^o, e professou a ordem da garrotea entre publicas e magestosas festas. Esteve tambem em Aragão, Navarra e Castella, e em toda a parte foi honrado e festejado como um grande homem. Era muito perito na lingua latina, e della verteu em portuguez o livro *dos Officios de Cicero*, e o de *Vegecio sobre a arte da guerra*; escreveu mais em prosa e verso, e ainda hoje possuímos algumas das suas composições. Foi inventor de tocar a viola por pontos, e não se sabe que prenda lhe faltasse.

A recente recordação das guerras da independencia desgostou geralmente os portuguezes da regencia da rainha, muito principalmente havendo em Portugal um tão singular homem, de tal jerarchia, e a quem sobravam os talentos politicos (2). Não vem ao nosso caso dizer como o infante tomou a regencia; mas por dez annos governou Portugal com firmeza e justiça, a aprazimento dos populares, posto que não sem desagrado e inveja dos grandes. Chegou o dia em que o rei menor devia tomar as re-deas do governo; dia de grande gloria para o infante, que em côrtes reunidas em Lisboa, com muitas ceremonias e acatamento entregou a elrei a vara da justiça, com um reino prospero, e o povo contente do governo. Conservou-lhe por então D. Affonso o regimento do reino; mas não tardou que, presumpçoso e illudido, lh'o não pedisse outra vez. Haviam-lhe persuadido os contrarios do infante, e entre elles o duque de Bragança, o conde de Ourem, e o arcebispo de Lisboa, que o infante, posto tivesse casado sua filha com elrei, lhe queria roubar a corôa para por sua morte a transmittir a seus filhos.

Muito trabalharam contra o infante os que o queriam perder; e a historia destas dissensões é uma historia de anarchia, em que com o pretexto de fidelidade ao rei se fizeram a Portugal os males da guerra civil, e se começou por tingir de negro a historia de um reinado a que eram ligados feitos de tanta gloria. A necessidade de se justificar obrigou o infante a sahir de Coimbra, onde então residia; mas a grandeza do seu estado, e o receio do odio de seus inimigos lhe aconselhou que viesse armado. Eram mil os cavalleiros, chegavam a cinco mil os homens de pé. Seguiu o infante o caminho para Santarem, onde então estava elrei, quando juncto a Alcoentre foi perseguido de gente de elrei como se fôra inimigo em guerra: julgou então convir-lhe buscar Lisboa ou ao menos approximar-se della. Sabiu tambem então elrei de Santarem contra elle com trinta mil homens de armas: e o infante que soubera que já Lisboa se esquecera daquelle amor que outrora lhe mostrára,

(2) Existe do infante uma especie de informação sobre as necessidades do reino, dirigida a elrei D. Duarte, a qual segundo se vê lhe havia sido pedida por este illustre rei. É um documento precioso, que honra muito o infante; e pela prudencia e moderação com que está escripto deixa entender o que se devia esperar do seu governo, se como depois aconteceu, viesse a reger o reino. Acha-se impresso o documento de que fallámos, desde pag. 385 até 397 do vol. 1.^o das *Dissertações chronologicas e criticas de João Pedro Ribeiro*.

determinou sujeitar-se á sua ultima fortuna, pois já presentia que era chegado o seu fim. Ao norte do outeiro, a que está encostada Alverca, corre o pequeno ribeiro da Alfarroubeira; por ahí seguia então a estrada de Lisboa, e ahí se encontrou a gente d'elrei com a do infante. Entre as desordens de taes circumstancias acaso um tiro do campo do infante foi dar junto á tenda d'elrei; cresce a furia nos seus, trava-se batalha geral (2). Não ha valor que escape á morte: uma seta fere o infante no coração; ahí perece o homem que morre porque é grande, e a quem por desventura levou áquelle estado a ingratição e o esquecimento dos que tanto amára; e oxalá que a nodoa não cahisse tambem em um nome mais popular que o seu.

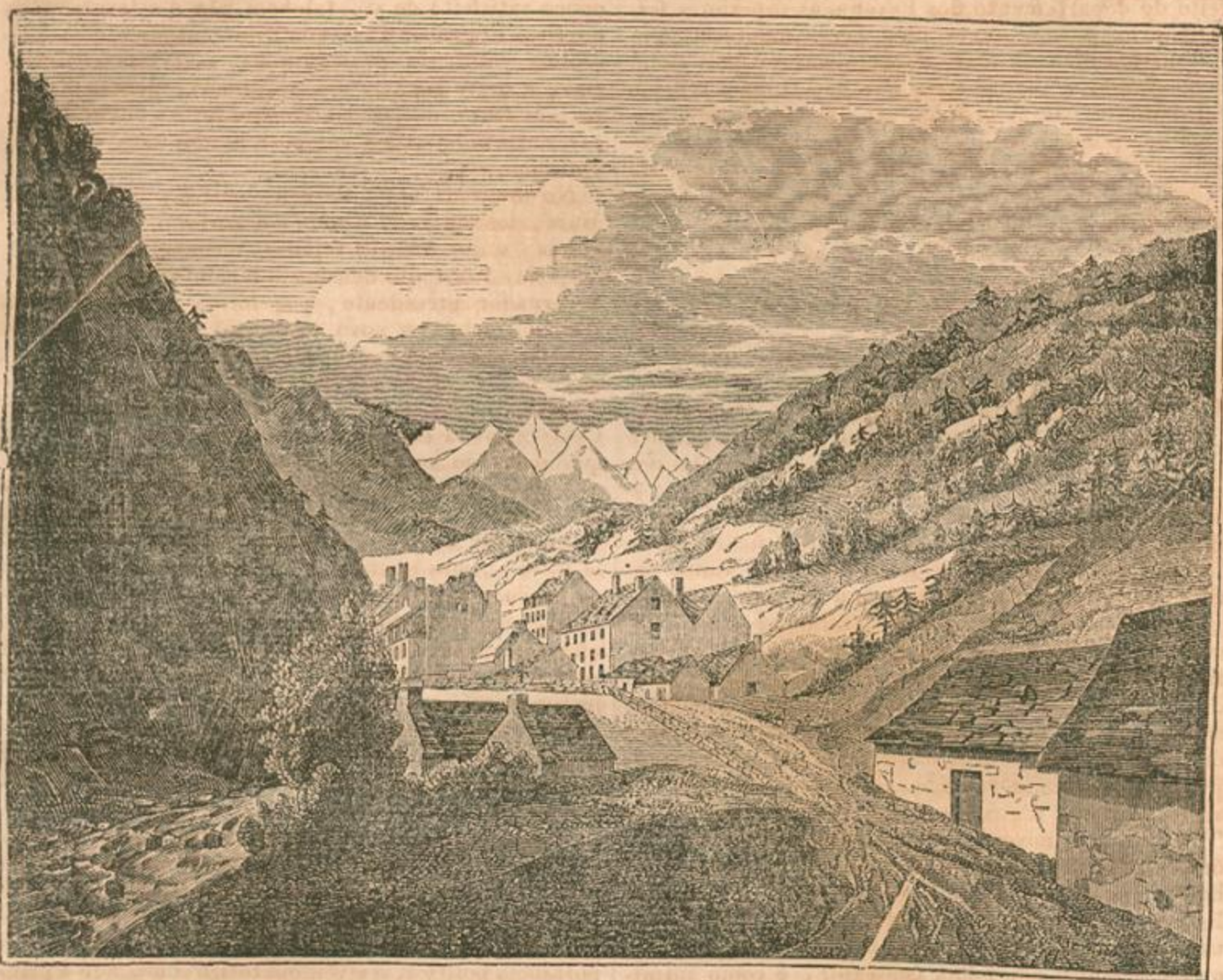
«Ho corpo do yfante, diz Rui de Pina, jouve to-
«do aquelle dia sem alma descuberto no campo á vis-
«ta de todos, e sob a noite o lançaram homens vys
«sobre um pavês, e o meteram hy logo em uma po-
«bre casa, honde antre corpos ja vasio d'almas e
«fedorentos, jouve tres dias sem candeia, nem cu-
«bertura, nem oraçam, que por sua alma pubryca
«se dissesse nem ousasse de dizer, o que foy grande
«prasma e vituperio da casa real; porque a honrra
«e acatamento que aly se devya, ja nom era do yfan-
«te morto sem sentido, mas era propria dos vivos que
«lhe fizessem.» Finalmente no terceiro dia lançado
sobre uma escada foi levado á igreja de Alverca e ahí
enterrado, como o menor dos homens. Quem passa
no Tejo avista o logar onde foi dado á terra o corpo
do grande homem: os seus ossos foram depois leva-
dos a Abrantes, e passados annos depositados no se-
pulchro, que junto ao de seu pai lhe havia sido des-
tinado no convento da Batalha. «Sua alma recebêra
«de Deus o gallardam, pois em sua vida este mun-
«do lhe foy tam yngrato.»

A que vem toda esta historia? que tem isto com o tumulo de Chypre? dirá agora algum leitor.

Contámos esta historia, porque D. Pedro deixou filhos, a quem, posto que fossem tão nobres portuguezes, parece que sempre doeu a lembrança do que a seu pai fôra feito; viram terras estranhas e lá jazem alguns. Foi um delles D. João, que tendo acompanhado sua irmã D. Beatriz á côrte de Borgonha, onde então era duqueza sua tia D. Isabel, a mãe do famoso duque Carlos, veio a casar com Carlota, herdeira presumptiva do reino de Chypre. Reinava então nesta ilha Jono 3.^o [a que os nossos historiadores chamaram João], o qual de sua primeira mulher houvera aquella unica filha, *mulher de estatura mediana, mas olhos cheios de fogo; o rosto descorcado, mas a linguagem agradavel e fluida como é natural nos gregos; trajando á franceza, e com manciras dignas do sangue real*. Casára porem Jono em segundas nupcias com Helena Paleologo, grega do Peloponeso; deixava-se por ella governar, mas tambem esta o era pela ama, e a ama por um filho. Ousou este ter inveja de D. João: houve grandes dissensões; mas D. João morreu, e ninguem duvidou que fosse de veneno. O pai ao menos morrêra combatendo, o filho expira pelo mais abjecto dos crimes. Este é o homem que Fr. Pantaleão achou sepultado em Nicocia; e já sabeis porque as armas de Portugal lhe ornavam o sepulchro (3). — *T. de M.*

(2) Consulte-se o quadro d' historia portugueza, acompanhado dos retratos do infante, e do leal cavalleiro, Alvaro Vaz d'Almada a pag. 41 do vol. 2.^o

(3) Os nossos antigos escriptores julgaram geralmente D. João morto em Borgonha, erro que já foi notado pelo P.^o Francisco de St.^a Maria, fundado no testemunho de Fr. Pantaleão; testemunho inteiramente conforme com o que lemos nas historias estrangeiras.



CALDAS DE BARÉGES.

Na parte dos Pyrenneus, que pertence á monarchia franceza, brota um saudavel manancial de aguas mineraes, especialmente uteis para ferimentos de balla, parecendo-se muito nesta propriedade com as da nossa ilha de S. Miguel, que em muitos casos effectuam curas, que parecem prodigiosas. A povoação de Baréges é a residencia dos que vão fazer uso destes banhos, e posto que ha annos a esta parte tem havido desvelo em proporcionar commodidades aos enfermos, ainda naquelle local aspero, posto em meio dos horrores da natureza selvagem, ha muito que lidar para que se alcance diminuir a carestia dos objectos necessarios á vida e se apresentem aos pacientes as distracções e refrigerios compatíveis com o seu estado. Notam-se já muitos melhoramentos, porque ha vinte ou trinta annos era impossivel passar o inverno em Baréges, sendo bem claro que as pessoas que iam utilizar-se daquellas aguas, umas de paizes estrangeiros, outras do centro da França, não podiam fazer annualmente uma longa viagem em quanto carecessem da applicação desses banhos: — mas actualmente se proporcionaram meios de abrandar o rigor do clima, de ministrar os objectos mais precisos, e de conseguir a permanencia dos doentes durante a cura: o governo francez mantem á sua custa um hospital e hospicio ao mesmo tempo, composto da reunião d'alguns edificios construidos com as precisas commodidades, mas sem fausto, e que é destinado aos militares francezes, que alli procuram restabelecer-se dos ferimentos de armas brancas ou de fogo; que para quaesquer delles são approvadas essas aguas thermaes.

Os apaixonados da sublimidade que apresenta a natureza no coração de serranias alpestres, com todas as circumstancias terriveis de alcantilados e precipitosos pincaros, de fundos e negros precipicios, de torrentes despenhadas, de neves compactas, podem ir a Baréges gozar desse espectáculo: a poucos passos fóra da povoação se lhes offerecem quadros para admiração e espanto: mas por certo que não são elles os mais apraziveis aos olhos do valetudinario, ou do enfermo. Não faltam recordações historicas, tradições interessantes, por aquellas montanhas, e os costumes do povo pastor que as habita são dignos da observação do philosopho moral: lá estão o celebre pico do Meio-dia, a brecha de Roldão, as divertidas mas perigosas caçadas, os cantos singelos dos pegureiros, e o sem numero de variados accidentes do terreno, que podem iuspirar ao poeta, e ao auctor de romances, descripções novas, scenas que arrebatem os leitores; mas a gente que de ordinario frequenta estas paragens não se acha com disposições para contemplar com entusiasmo a magestade da natureza selvatica. Que symphonia tão agradável não será a dos uivos dos lobos esfaimados, que de continuo vagueam pelos logares intrataveis, circunvisinhos ás povoações, e que de quando em quando vem a estas fazer suas visitas desagradaveis: treme o pastor por causa de seu rebanho, treme todo o morador por causa da propria vida; e se os hospedes dão sua entrada de dia, teem salva de polvora e balla, mas se passeiam de noite o mais restricto encerro ou o recurso de accender fachos são os meios de evitar a sua importunidade. Por ordem do pre-

feito do departamento dos Pyrenneus superiores fez-se-lhes ha poucos annos uma geral montaria, em que acabaram com mais de quinhentos; pois assim mesmo dahi a dias parecia que não tinham soffrido tal desbaste. Maus visinhos são que, nas horas nocturnas, por ladeiras, encostas e estradas frequentemente se topam. Esta familia voraz, e o rigor da temperatura, são dois inconvenientes que não fazem appetecivel a residencia em Baréges.

CICERO.

(Conclusão.)

DEPOIS da sua exaltação ao consulado, Cicero manifestou grande mudança nas suas opiniões e politico procedimento: para o obter esteve dependente dos elementos democraticos da constituição do estado; e tendo-o conseguido, toda a sua diligencia foi conciliar a boa vontade do senado, e identificar os seus interesses com os deste e os da nobreza. Nunca porem pôde sahir completamente com este intento; porque os patricios sempre o consideraram como um *homem novo*, isto é, que não gosava de honras hereditarias, que subíra sem provir da classe nobre: alem de que veio a ser aborrecivel e ridiculo o ponderoso serviço, que fizera, pela impertinencia com que a miudo o referia em publico, não occultando o amor proprio junto a nimia vaidade. Quando chegou a occasião de carecer d'auxilio, experimentou o consul a frieza dos seus novos amigos. Houve um Clodio, da ordem patricia, mancebo dissoluto, que Cicero combatêra por causa de uma grave violação da moral religiosa e da decencia publica: Clodio alliou-se com uma familia plebea, para ser eleito tribuno do povo, o que sem isso não podia conseguir, e como inimigo jurado do orador tratou de promover a publicação de varias leis novas, que tinham por alvo o senado; porem muito especialmente se encaminhavam as disposições dellas contra Cicero; Pompeu desajudava este, e Cesar favorecia Clodio; eram dois cabeças principaes de partido na republica, e por isso os amigos de Cicero o aconselharam a que voluntariamente se desterrasse, largando por então o campo a seus adversarios. Assim o fez em Março do anno 53 antes de J. C.; e apenas partiu logo promulgaram contra elle uma lei vedando-lhe o apparecer dentro do espaço de 400 milhas em circuito da capital: retirou-se á Grecia; contudo o exilio só durou anno e meio, sabindo outra lei, não sem forte opposição, que lhe consentia voltar. Foi recebido com extraordinarias honras; toda a sua jornada pela Italia e a sua entrada em Roma parecia uma procissão triumphal. O orgulho de Cicero revela-se nas palavras, com que relata este caso, assim como se descobre em outras passagens dos seus escriptos. — «Só aquelle dia [diz] valia a immortalidade; ao avisinhar-me á cidade, o senado veio fóra a receber-me, acompanhado por toda a corporação dos cidadãos, como se a propria Roma abandonasse os seus alicerces e caminhasse a abraçar o seu salvador.» —

Entre as boas qualidades do grande orador romano não podemos contar a rigidez de principios e a coragem moral, unicas fiadoras de honesto e consistente procedimento em epochas politicas tempestuosas. Experimentára elle os máus resultados de arrotar-se com os poderosos, e não tinha animo de ser victima segunda vez. Por isso o vemos alliado ora de Pompeu ora de Cesar, quando estes dois illustres amotinadores guerreavam pelo mando supremo na republica; por isso observámos, pelas suas epistolas, que

pouco satisfeito de si, tambem não o estava com os publicos negocios. Tratando negligentemente das dissensões politicas, proseguiu nas suas tarefas oratorias, e deste periodo nos ficaram excellentes discursos em favor de pessoas accusadas: as horas de vagar entretinha-as na composição dos seus escriptos philosophicos.

No anno 51 antes da era christã, pelo mez de Maio, foi obrigado a tomar o governo de uma provincia, o que até alli rejeitára: coube-lhe a Cilicia na Asia. Fóra ella descomedidamente saqueada pelo governador precedente; por fórma que não pouco trabalho achou o novo proconsul para remediar os damnos e desordens, que o seu antecessor causára. Recolheu a Roma em Janeiro seguinte, quando as discordias civis se ateavam com violencia, e Julio Cesar entrava com mão armada na Italia, ao passo que o senado mandava dissolver o exercito. Reduzido á necessidade de escolher entre o partido daquelle insigne e ousado capitão, e o partido do senado dirigido por Pompeu, hesitou até que se decidiu pelo ultimo; mas quando Pompeu tomou o expediente de evacuar a Italia, e retirar-se á Grecia, deixou-se elle ficar e entabou a reconciliação com Cesar, que nada mais lhe exigiu senão a neutralidade na contenda. Soffrendo porem um revez temporario a fortuna de Cesar, revelaram-se as verdadeiras inclinações de Cicero, que fugiu e foi juntar-se ás tropas de Pompeu: a causa do senado nada ganhava no campo militar com a chegada do grande orador. Sepultada a republica romana na batalha de Pharsalia, morreram de todo as esperanças de Cicero, e tendo de voltar ao paiz natalicio, por alguns mezes viveu inquieto e suspenso até que recebeu da parte do vencedor certeza da pessoal segurança. Desde então até o assassinio de Cesar [44 antes de C.] perdeu a importancia politica, e viveu em retiro compondo a principal parte dos seus livros: mas aquelle notavel acontecimento o chamou de novo á vida publica: no attentado não teve a menor parte apesar de ser inimigo de Cesar, fautor de Pompeu e da republica, provavelmente porque os conspiradores o consideravam sobremaneira timido e indeciso, para que se lhe podesse confiar um tal segredo: mostrou porem a fraqueza de applaudir um crime, que não salvou Roma, e sacrificou o homem mais illustre da antiguidade, aquelle que por duas vezes perdoára a Cicero a má fé, e a traição. Terrivel condição da humanidade! Marco Tullio é um dos talentos mais assombrosos, que tem visto o mundo, raciocimava rectamente, conhecia bem os homens, assentava principios de saã moral como se colhe das suas obras; mas desgraçadamente a sua vida é cheia de alternativas vergonhosas; sempre irresoluto, fraco as mais das vezes, e muitas condescendente com os poderosos, attendendo quasi sempre mais a si que ao bem publico por mais e mais que o apregoasse, veio a findar seus dias com fim lastimoso. Marco Antonio, quando tribuno da plebe, e ainda depois, foi ardente partidario de Julio Cesar: Cicero lhe professava odio acirrado: possuímos a famosa serie de orações vehementes, proferidas contra Marco, e que á imitação de Demosthenes o orador intitulou *Philippicas*. Todavia as esperanças de Cicero e do seu partido foram destruidas pela formação da liga, chamada o segundo triumvirato, que entre si fizeram Octaviano [Augusto Cesar], Antonio, e Lépido. O pacto dos tres sellou-se com a proscricção dos seus adversarios politicos. Octaviano promptamente abandonou Cicero á vingança de Antonio, cujo rancor desmedidamente se augmentára com a profusão de invectivas que o orador contra elle dirigíra. Chegaram es-

tas novas a Marco Tullio, que então residia na sua quinta de Tusculo, obra de dez milhas distante de Roma: foi seu primeiro pensamento evadir-se por mar, mas achando os ventos contrarios, e indeterminado e inconsequente, como sempre fôra, desembarcou e encaminhou-se para outra quinta, a Formiana, proximo a Napoles, onde foi morto, sem resistencia, por uma partida de soldados aos sete de Dezembro [43 antes de C.] na idade de 64 annos: as suas mãos e cabeça vieram para Roma, por ordem de Marco Antonio e, segundo Plutarcho refere, foram postas no *rostrum* ou tribuna donde o orador fallava ao povo.

As obras do famoso Cicero podem separar-se em quatro classes: 1.^a as que escreveu sobre a arte rhetorica: 2.^a sobre philosophia moral, assumptos politicos e religiosos: 3.^a as orações: 4.^a as epistolas, isto é, a sua importante correspondencia. É um dos seus especiaes merecimentos o traspassar para a linguagem latina a philosophia da Grecia. O numero e a variedade dos seus escriptos philosophicos, de que alguns dos rhetoricos em certo modo formam parte, é maravilhoso se considerarmos quão occupada e trabalhosa passou a vida. Muito sabiriamos dos limites deste jornal, se entrassemos na analyse dos importantes escriptos deste homem celebre: pelo que nos restringiremos a breves e geraes noticias. As suas cartas são de valioso auxilio para a historia do seu tempo; provavelmente mais interessantes do que uma relação, laboriosamente preparada, dos acontecimentos que viu, se elle a tivesse feito, porque esta forçosamente seria menos circumstanciada e menos veridica. São pela maior parte, especialmente as dirigidas a Attico, escriptas com franqueza: o escriptor exhibe nellas as suas reaes opiniões com pouca reserva. É fôra de toda a questão que Cicero é um modelo dos varios generos do estilo epistolar. Pede a justiça que observemos que muitas das pesadas increpações contra o orador romano, como homem publico, baseam-se na sua correspondencia, por isso nos devemos lembrar que se o compararmos com outros não acharemos homem d'estado, que minstre igual oportunidade de sujeitar seu procedimento a exame severo, queremos dizer que abrisse o seu coração, deixando abertas as suas cartas particulares. Se examinarmos os seus livros philosophicos acharemos que ninguem teve juizo tão são, ideas tão claras e acertadas, na antiga Roma e ainda na Grecia: as suas paginas fazem amavel a virtude, e o que mais é revelam aquelle tacto delicado que aprecia devidamente as conveniencias sociaes. Chegando ao ramo mais brilhante dos seus talentos, a oratoria, parece-nos que o mais acertado é transcrever os tres seguintes paragraphos das *Lições elementares de eloquencia* pelo Sr. Freire de Carvalho (*): nelles se resume uma completa avaliação do prestimo oratorio de Cicero, confrontado com o antagonista de Philippe de Macedonia.

«O objecto mais digno da nossa attenção na eloquencia romana é Cicero. As suas prendas, como orador, são sem disputa relevantes, ha muita arte nas suas orações, as suas introduções são regulares, e nellas com muita preparação e insinuação previne os seus ouvintes, e procura grangear-lhes a affeição: o seu methodo é claro, e a ordem das provas a mais adequada: no plano dellas é mais claro do que Demósthene; pois tudo está no seu devido lugar: nunca se propõe a mover, sem que tenha procurado convencer; e é felicissimo na moção, especialmente dos affectos brandos; nem jámais houve escriptor, que melhor conhecesse o poder das pala-

vas: caminha sempre com muita belleza e pompa, e na contextura das frases é em extremo pulchro e exacto.— Verdade é que o seu modo de dizer é em geral diffuso, porem ao mesmo tempo variado com acerto e accommodado ao assumpto, o que sobre tudo se deixa ver nas suas quatro orações contra Catilina. Quando algum objecto publico despertava a sua indignação, deixando o modo declamatorio, a que era propenso, mostrava-se em extremo forte e vehemente, como bem o patenteam as suas orações contra Antonio, contra Verres e contra Catilina.

«Como são brilhantes as bellezas deste modelo de eloquencia, convem apontar os seus defeitos, para se não confundirem com aquellas.— Principalmente nas orações que compoz nos seus primeiros annos ha muita arte, e esta encaminhada ao applauso: visivelmente faz alardo da sua eloquencia, e parece haver cuidado mais em captar a admiração dos seus ouvintes, do que em convence-los: ha occasiões em que é mais pomposo que solido; e é diffuso quando deveria ser conciso: não póde ser accusado de monotonia, porque os seus periodos teem variedade e cadencia; mas pelo demasiado empenho de ser magnifico, é ás vezes frouxo; e, offerecida que seja a occasião de fallar da sua pessoa, appresenta-se cheio de si mesmo. Estes defeitos não escaparam á perspicacia dos seus contemporaneos, particularmente do auctor do dialogo *De causis corruptæ eloquentiæ*, e de Quintiliano, o qual, depois de enumerar estes mesmos defeitos, todavia o justifica de muitos delles, como póde ver-se, lendo o capitulo X do livro XII das suas Instituições Oratorias.

«Ácerca do paralelo entre Demósthene e Cicero teem escripto muito os criticos, desde Quintiliano até os nossos dias; fallando porem sómente dos modernos, a pluralidade dos criticos francezes inclina-se a dar preferencia ao ultimo: com tudo do common sentir dos seus nacionaes se separou Fenelon nas suas *Reflexões sobre a rhetorica e sobre a poetica*, que é um curto tratado, o qual serve de continuação aos seus *Dialogos sobre a eloquencia*; e são tão bellas e felizes as suas expressões, que merecem ser aqui copiadas: «Não me demorarei em dizer, que Demósthene me parece superior a Cicero: protesto que ninguem tanto como eu admira Cicero; elle aformosea tudo quanto toca, ennobrece a falla, e faz das palavras o que nenhum outro poderia fazer: possui diferentes especies de engenho; é copioso e vehemente, quando quer, como contra Catilina, contra Verres e contra Antonio; nota-se porem demasiado adorno nos seus discursos: nelles se deixa ver uma arte maravilhosa, a qual é pena tanto se dê a conhecer: o orador, ainda quando pensa em salvar a republica, não se esquece da sua pessoa, nem deixa que os outros della se esqueçam.— Demósthene, pelo contrario, parece saber de si mesmo, e não ver mais do que a patria: não trata de aformosear o assumpto; mas consegue-o, sem nisso pensar: é em extremo admiravel: serve-se das palavras, como um homem modesto se serve dos vestidos para cobrir-se: troveja, lança raios, é uma torrente que tudo arrebatá: não se lhe póde pôr defeito; porque a todos extasia: faz pensar no que diz, e não nas palavras com que o diz: foge da vista dos olhos, e faz que só se tenha presente Philippe, que tudo invade.—Ambos estes oradores me arrebatam; porem confesso, que me move mais a rapida singeleza de Demósthene, do que a arte infinita de Cicero, e a sua magnifica eloquencia.»—

Pelo que respeita ao estilo no idioma latino, e nas tres variedades, familiar, didactico, e oratorio, quem não reconhecerá a Cicero por mestre?—

(*) De pag. 24 a pag. 27.

Dos escriptores em prosa na sua lingua é elle o mais perfeito modelo: todavia no renascimento da litteratura foi seguido com demasiado escrupulo, podemos dizer com certa escravidão: houve escola de latinos, que não empregava termo, ou phrase, que a seu favor não tivesse auctoridade ciceronica. Injusto é o preconceito, porque as bellezas de Cicero não devem eclipsar as de outros latinos de nota, assim como o brilho de Virgilio e Ovidio não offusca o merecimento relativo de Lucano e de Tibullo.

Pela mesma razão porque nos não detivemos na enumeração dos escriptos do orador romano, não citámos as numerosas edições que tem tido. Ha quem affirme que a melhor que ha das obras todas é a de *Orellius*: é merecidamente acreditada a de Grevio *cum notis variorum*, mas só das orações e cartas com um volume dos livros philosophicos. Das cartas a Attico possui a lingua franceza uma excellente versão com optimo commentario pelo abbade Mongault. Nos livros systematicos de bibliographia se acharão as noticias competentes sobre este ponto; e a *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina*, impressa em Coimbra em um vol. de 4.^o, dá aos leitores portuguezes sufficiente instrucção até a data em que foi publicada.

Em a nossa lingua traduziu Duarte de Resende o dialogo sobre a amisade, os paradoxos, e o sonho de Scipião; Damião de Goes deu o dialogo sobre a velhice; e modernamente ha a escolha das orações pelo P.^o Antonio Joaquim, e os livros das obrigações civis por Ciéra. As duas primeiras versões são antiquadas; a traducção do P.^o é frouxa, e a de Ciéra, que tinha do portuguez muito pouco conhecimento, não é digna do original. Não admirará esta penuria, quando os auctores da moderna Encyclopedia britannica se queixam de não haver em inglez uma translação completa dos livros de Cicero, e affirmam que isso mesmo que tem não é de grande valia. Cumpre prevenir os leitores para que não creiam á carga cerrada uma vida de Cicero, escripta por Middleton, que anda pelas mãos dos eruditos: o auctor fez do orador o seu heroe; jurou nas suas palavras; e por consequencia adulterou a verdade dos factos.

PROVINCIAS VASCONGADAS.

(Conclusão.)

POSSUIR alguma das casas solares, de que fallámos no artigo 1.^o, é gozar d'uma classe de nobreza superior á que o soberano pôde conferir a qualquer subdito; porquanto não só dá particulas de soberania ao possuidor, como o torna summamente respeitado dos parentes, que deduzem a sua nobreza daquelle tronco veneravel.

Este estado de sociedade e os sentimentos que lhe andam annexos são mais simples e antigos que os das monarchias feudaes; e nada ha que ligue os homens por laços mais estreitos do que os vinculos de sangue e de associação immemorial. A influencia do activissimo commercio daquellas provincias não tem tido sufficiente força para mudar os costumes patriarchaes dos seus habitantes; nem a de alterar o systema d'economia rural; ou d'enfraquecer os laços pelos quaes elles formam um todo firme e compacto. A circumstancia de não existir allí classe proletaria tambem exalta e nobilita os biscainhos; e sujeitando todos os individuos á influencia dos sentimentos heroicos e generosos, augmenta a força moral do paiz, e desenvolve nelles altas virtudes. Cultivam portanto o solo da Biscaia homens livres e indepen-

dentos, não ligados a obrigações feudaes, como os povos escravos que vegetam proximo ás margens do Vistula e Dnieper; e esta liberdade lhes dá certo ar de nobreza, cortezia e benevolencia, que os torna recommendaveis. Os biscainhos não estão sujeitos á odiosa lei da *mesta*; porem allí como em outras partes da Hespanha, as disposições legaes para que se conservem os bens na mesma familia, privando o possuidor de parte da propriedade que lhe pertence, o tolhe de dar a outras o destino mais conveniente; e diminuindo-lhe os interesses materiaes, prejudicam deste modo a agricultura. A mais damnosa destas instituções é a dos morgados.

Ha outro principio que tambem predomina entre os habitantes das montanhas, e que merece a nossa particular attenção por ter sido o elemento mais activo da passada guerra: — fallámos da superstição, e influencia do clero. A simplicidade da vida rural estreita muito as relações entre o pastor espiritual e o seu rebanho, qualquer que seja a religião dominante; porquanto as respeitaveis ceremonias do baptismo, matrimonio, e funeral, actos da maior consequencia para o povo, e nos quaes exercitam os padres o seu nobre officio, dão a estes muito cabimento e predominio na sociedade. Neste quasi primitivo estado os sentimentos naturaes são mais fortes e livres do que na vida artificial; e o affecto e dedicação ás pessoas augmenta tambem o poder da religião. Todavia ha circumstancias assim na constituição phisica, como na moral do povo vascongado, que se combinam para desenvolver a influencia destas causas geraes. Não ha paiz algum na Europa, aonde a religião catholica se tenha conservado com tanta pureza e força, como em Hespanha; e nenhum outro tambem se encontra que tenha conseguido tão completamente o grande fim deste systema de doutrina; isto é, o da exaltação da fé, e augmento da influencia moral do clero, objectos a que se tem constantemente dirigido a influencia e poder d'Hespanha. Com este intuito se espiavam allí todas as acções e palavras do povo; a sua condicção moral mereceu em todos os tempos a maior attenção; e o espirito publico foi sempre vigiado pela inquisição. A tenacidade dos antigos usos e costumes dos vascongados, transmittidos de paes a filhos, dá uma força peculiar aos ritos e instituções, que formam sempre uma parte dos mesmos usos; e as pequenas sociedades locaes, que povoam os seus valles e montanhas, junto ás picturesque tradições, que dão vida aos seus sentimentos, produzem certo espirito e energia que se não encontram em nenhuma outra parte de Hespanha. As instituções ecclesiasticas tem não pequena parte na veneravel constituição dos biscainhos: as lendas dos conventos referem-se a antigas tradições, e as ordens monasticas á historia dos seus antepassados. Em tal estado de infancia como o em que esta sociedade ainda existe, no qual a superstição não tem paixão alguma com que lutar, como succede em outros paizes mais cultos, os males que aquella produz são sufficientemente compensados e mitigados por muitos bens. A opulencia das ordens monasticas, quando allí serviu para cobrir a nudez dos pobres, e prover ás suas outras necessidades, tambem espalhou raios de civilisação no trato social dos povos que habitam estas regiões estereis.

Os biscainhos, separados pelo dialecto de todas as ideas dos descobrimentos modernos, tem conservado a sua crença primitiva sem resabio das innovações que a vigilancia do clero não pôde evitar que se derramassem nas demais provincias hespanholas. A heresia nunca penetrou seus valles, e faltando-lhes até as palavras para a expressar, conservam

tanto as ceremonias como a disciplina da igreja catholica no pé em que existiam na antiga idade. A severidade desta disciplina é mitigada pelos costumes patriarchaes do paiz.

As ordens religiosas mais numerosas na Biscaia eram as dos dominicanos e carmelitas. O estado destes padres, a sua mendicidade, que muitas vezes encobria um genio activo e emprehendedor; a compaixão verdadeira ou fingida, que mostravam para com os pobres, lhes dava a mesma influencia e poder entre as classes infimas da sociedade, que entre as elevadas e nobres exerciam n'outro tempo os jesuitas.

Eis-aqui a breve exposição das circumstancias que obrigaram os biscainhos a arvorarem nas suas montanhas o estandarte da guerra. Foram guiados aos combates por influencias ecclesiasticas; não pôde comtudo duvidar-se que pelearam pelos privilegios locais que tinham regido a sua patria durante muitos seculos. Poderamos adduzir outras considerações acerca da sua presente e futura situação, no entanto recusamo-nos a esse empenho por nos parecerem essas dissertações mais proprias de um jornal de politica do que de uma publicação exclusivamente dedicada á litteratura.

EMPREGO DA GOMMA ELASTICA NA FABRICAÇÃO DOS CHAPEUS.

A GOMMA elastica (*) tal qual se acha no commercio, depois de dissolvida, emprega-se mais ou menos delgada segundo a grossura do feltro.

Quando o chapéu, seja branco ou preto, sahe da fabrica, estende-se a gomma elastica sobre o feltro com um rolo de pau ou com um pincel, conforme fór a sua consistencia; esta camada, pouco mais ou menos da grossura de uma folha de papel, e que varia na rasão da força do feltro, é estendida sobre a superficie interior do chapéu da maneira a mais igual; faz-se penetrar a gomma elastica no feltro carregando-lhe com a palma da mão, e esfregando o feltro, que em breve se impregna della.

Depois desta introdução, estende-se uma camada de colla em extremo ligeira, a fim de dar ao feltro uma consistencia tal, qual o emprego só da gomma elastica não seria sufficiente para lhe dar; todavia, quando se quer que o chapéu seja muito flexivel, não se lhe dá esta ultima demão de colla, mas augmenta-se a dóze da gomma elastica fazendo mais espessa a camada della.

Com o auxilio da gomma elastica preparam-se chapéus brancos ou pretos, de castor ou de seda.

A introdução da gomma elastica no feltro offerece grandes vantagens; torna o chapéu mais flexivel, sem receio de o quebrar, por isso que se pôde dar-lhe elasticidade tal, que seja possivel o dobra-lo de maneira que possa metter-se na algibeira, e tornar-se a pôr na cabeça sem que vestigio algum appareça de ter elle sido amarrotado; não só as dobras ou rugas não se deixam conhecer, mas ainda o pello se acama na direcção em que estava com mais facilidade do que nos chapéus preparados segundo o modo até agora empregado, o que se explica da maneira seguinte.

Pela introdução da gomma elastica no feltro, o pello fica seguro, ou para melhor dizer, toma raiz nessa materia, cuja elasticidade lhe permite o acamar-se para um ou para outro lado sem se quebrar e sem violencia, entretanto que nos chapéus ordinarios a dureza das collas segura o pello com muita força; por

(*) Vide a pag. 200 do vol. 4.º deste jornal.

isso nos chapéus preparados ou collados com gomma elastica o pello arripiado ou revirado por qualquer accidente se tornará a acamar na sua primeira posição com mais facilidade, e sem que a vista possa enxergar o logar do amarrotamento.

As outras vantagens consistem na impermeabilidade do chapéu á agua, e alem disso a colla da gomma elastica sendo negra dá ao chapéu uma côr mais bonita e mais lustrosa.

HA tempos que achando-me em uma boa companhia ouvi fazer uma pergunta mui singular, e muito mais quando a entendi. Perguntava-se a certa pessoa: *qual era o seu animal?* Cuidei que esta questão correspondia ao sentido seguinte: *qual era o animal a que tinha mais amor, ou a que tinha maior aversão.* Enganei-me. Uma especie de phisico, ou cousa semelhante, tinha mettido na cabeça a toda aquella gente que todas as pessoas tinham nas suas pareenças similhança caracterisada com a de algum animal. Toda a arte para a descobrir consistia em tapar com as mãos o meio-rosto, do nariz para baixo: é necessario que vos confesse que este disfarce me fez ver que muitas pessoas tinham bastante similhança com certos animaes. A dona da casa estava persuadida que tinha a pareença de cordeiro, e seu marido a de aguia: ambos os dois se lisongeavam da similhança; o homem pelo contentamento de que o julgassem aguia no seu estado, a mulher porque já se sabe que a doçura basta para fazer o elogio de uma pessoa. Quando a similhança se não descobria, dizia-se para salvar o systema que o modelo era de algum animal desconhecido. Julgo esta idea propria para divertir um momento, porem indigna de ser refutada seriamente. Pôde ser com tudo que os outros principios da physionomia não sejam mais verdadeiros do que este. — *Francisco Xavier d'Oliveira. Cart. 44.ª no vol. 1.º*

NA historia civil consultam-se archivos, examinam-se medalhas, decifram-se antigas inscrições, a fim de determinar as epochas das revoluções humanas e de verificar acontecimentos moraes. Do mesmo modo na historia natural é necessario indagar nos archivos do mundo visivel, arrancar das entranhas da terra os monumentos dos tempos primitivos, colligir os fragmentos e ajuntar n'um corpo de provas todos os indicios das alterações physicas, que nos habilitam para assignalar as differentes epochas da natureza. É unicamente por esta fórma que nós podemos fixar alguns pontos na immensidade do espaço, e marcar os successivos periodos na progressão do tempo. — *Jameson.*

O POETA inglez Prior, auctor de *Henrique e Emma*, andava um dia vendo o palacio de Versalhes; o guarda, ao mostrar-lhe as victorias do rei Luiz, pintadas por Le Brun, perguntou-lhe se o paço de S. M. britannica era adornado de quadros semelhantes: Prior respondeu: — *Os monumentos das acções gloriosas do meu soberano por toda a parte se vêem, menos em sua propria casa.*

O SABIO em um povo sem illustração é como a rosa no deserto, onde os insectos a pungem e maltratam não sabendo prezar os seus perfumes, nem admirar a sua belleza magestosa. — *Marquez de Maricá.*